

INTELECTUAIS EM CRISE: A ALEGORIA EM *UM QUARTO DE LÉGUA EM QUADRO*, DE LUIZ ANTÔNIO DE ASSIS BRASIL

Mariana Moreira Fernandes Barata

Mestre em Teoria da Literatura do Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários /
UFMG

RESUMO

O presente artigo se propõe discutir a representação da crise dos intelectuais como uma das possíveis interpretações de *Um quarto de légua em quadro*, de Assis Brasil. É nossa hipótese que há, na obra, um debate acerca das limitações desse grupo através da personagem Gaspar de Fróis.

PALAVRAS-CHAVE

Intelectuais, anos 1970, Assis Brasil

INTRODUÇÃO

O presente artigo se propõe discutir a representação da crise dos intelectuais, a partir de um discurso alegórico, como uma das possíveis linhas de interpretação do romance *Um quarto de légua em quadro*, de Luiz Antônio de Assis Brasil. É nossa hipótese de trabalho que há, na obra supracitada, um debate acerca das limitações desse grupo social através da personagem Gaspar de Fróis, intelectual anacrônico que experiencia, dentro de uma trama narrativa que se passa no século 18, as contradições existenciais que caracterizam os intelectuais a partir do século 19. Essa disjunção temporal deslocará nossa visão analítica, abrindo espaço para uma leitura alegórica, especialmente quando levamos em conta seu contexto de produção: os anos 1970 e a ditadura militar brasileira.

A fim de demonstrarmos como ocorre, em *Um quarto de légua e quadro*, a reflexão sobre os limites da ação dos intelectuais, discutiremos, num primeiro momento, a distinção entre letrados e intelectuais, apoiando-nos nos apontamentos de Sartre,¹ Bobbio,² Rama,³

¹ SARTRE. *Em defesa dos intelectuais*.

² BOBBIO. *Os intelectuais e o poder: dúvidas e opções dos homens de cultura na sociedade*

Said,⁴ Sarlo,⁵ Cury,⁶ e Amaral.⁷ Nesse sentido, destacaremos, a partir dos postulados desses pesquisadores, o deslocamento social como condição intrínseca dos intelectuais, ao passo que evidenciaremos, no que tange aos letrados, a associação, não sem traumas, desse estrato social com a classe política dirigente. Nossa discussão pautar-se-á pelo entendimento de que os intelectuais são um grupo moderno, não esquecendo de identificar nos letrados os seus precursores. A partir dessas considerações, tomaremos como anacrônica a caracterização da personagem Gaspar de Fróis como um intelectual, entendendo que esse recurso, elaborado por Assis Brasil, não é fortuito e implica uma interpretação alegórica sobre o papel dos intelectuais durante a ditadura militar.

Sendo assim, em seguida, nos deteremos sobre os rumos da produção ficcional brasileira na década de 1970, tal como a entendem Avelar⁸ e Sússekind.⁹ Veremos como a alegoria, para além da censura imposta pela ditadura militar, se torna uma tônica do período, juntamente com o romance-reportagem e a narrativa confessional. Apresentaremos como é representada a temática que nos propomos trabalhar no romance, salientando o deslocamento inexorável da personagem Gaspar de Fróis, dividida entre os colonos e os militares que coordenam o processo de assentamento dos açorianos. Ficará, então, patente que o intelectual, por suas especificidades, não poderá assumir-se como porta-voz dos desvalidos ou coadunar-se com a classe dirigente, não por coincidência militar. Por fim, trazendo para o debate as considerações de Gagnebin¹⁰ e Avelar¹¹ sobre esse recurso estilístico, defenderemos, a título de hipótese, que *Um quarto de légua em quadro* trata, de forma velada, a crise do papel dos intelectuais, acentuada durante a ditadura militar. Antes de nos dedicarmos às questões teóricas, entretanto, faz-se necessária uma apresentação da obra.

Um quarto de légua em quadro é uma narrativa sobre a imigração açoriana, contada através do olhar da personagem Gaspar de Fróis em seus diários particulares, posteriormente

contemporânea.

³ RAMA. *A cidade das letras*.

⁴ SAID. *Representações do intelectual: as conferências Reith de 1993*.

⁵ SARLO. *Intelectuais*.

⁶ CURY. *Intelectuais em cena*.

⁷ AMARAL. *Cultura letrada e soberania*.

⁸ AVELAR. *Alegorias da derrota: a ficção pós-ditatorial e o trabalho de luto na América Latina*.

⁹ SÜSSEKIND. *Literatura e vida literária: problemas, diários & retratos*.

¹⁰ GAGNEBIN. *Notas sobre as noções de Origem e Original em Walter Benjamin*.

¹¹ AVELAR. *Alegorias da derrota: a ficção pós-ditatorial e o trabalho de luto na América Latina*.

publicados por um editor ficcional. O narrador da obra, traumatizado pela morte de sua esposa Ana, decide embarcar para o Brasil a fim de começar uma nova vida. Trazendo em seu baú muitos livros e poucas roupas, o médico e intelectual inicia seu diário já em alto-mar, relatando as condições subumanas da viagem. No novo continente, Gaspar de Fróis presencia o não cumprimento das medidas determinadas no Edital Régio: nenhuma terra é entregue aos colonos e estes são lançados à própria sorte. Mesmo assim, novas levas de açorianos continuam chegando ao atual estado de Santa Catarina, o que faz com que algumas famílias se desloquem para o Rio Grande do Sul, movimento que é acompanhado pela personagem principal. A personagem, então, passa a oscilar entre o impulso de lutar em nome dos colonos e a constatação das diferenças que o distingue da população desterrada. Da mesma maneira, entretanto, repudia as ações empreendidas pelo poder político, isolando-se socialmente de qualquer pertencimento.

Gaspar de Fróis ainda vive uma relação amorosa com Dona Maria das Graças, casada com o tenente Covas, no período em que o militar se afasta por ter sido destacado para uma missão. Desse relacionamento, decorre uma gravidez, que não é bem-sucedida. Dona Maria das Graças encerra sua ligação com o narrador, o que lhe gera perturbação e sofrimento. Decidido a esquecê-la, parte com um destacamento para o Porto de Dorneles, onde as últimas páginas de seu diário são escritas, já envoltas por certas ausências. O discurso autoral do médico é subitamente encerrado por uma nota do editor ficcional em linguagem arcaica, selando um pacto de leitura em que se encena um caráter pretensamente documental dessa parte do texto e que procura criar a impressão da existência, na realidade, de Gaspar de Fróis e dos acontecimentos por ele vivenciados. Mais ainda, essa ruptura brusca potencializa o despertamento existencial da personagem, demonstrando ser impossível qualquer tipo de amortecimento dessa condição. Posto isso, as questões conceituais que envolvem a anacronia do estabelecimento de um intelectual e seus dilemas em pleno século 18 serão o tema da próxima seção do artigo.

LETRADOS E INTELLECTUAIS: APROXIMAÇÕES E DISTINÇÕES

Segundo Norberto Bobbio,¹² os intelectuais seriam um grupo social que se configura pela “transmissão de ideias, de símbolos, de visões de mundos, de ensinamentos práticos, mediante o uso da palavra”, encarregados de atuar no cenário público exercendo um tipo de

¹² BOBBIO. *Os intelectuais e o poder: dúvidas e opções dos homens de cultura na sociedade contemporânea*, p. 11.

poder, o ideológico. Embora o crítico italiano defenda que sempre existiram, nas mais diversas sociedades e em todos os tempos, figuras reconhecidas socialmente pelo conhecimento por elas adquirido, ele postula que os intelectuais são um fruto da modernidade. Bobbio¹³ credita a formação dos intelectuais à solidificada autonomia da ciência em relação aos princípios religiosos e ao estabelecimento de uma esfera pública consistente após a disseminação da imprensa. Essa perspectiva é compartilhada por Cury,¹⁴ que corrobora com a tese de que os intelectuais se firmam como tais, já no século 19, após o famoso caso Dreyfus (1894) e a mobilização da cultura letrada em defesa da inocência de Alfred Dreyfus, militar francês acusado de traição à serviço da Alemanha. Chama-lhe a atenção,¹⁵ nesse sentido, que o intelectual surge com a função de adentrar o espaço social em nome de valores de que se faz guardião, opondo-se inclusive ao poder político estabelecido.

Essa postura pública e contestatória aponta para o índice de distinção entre a figura do intelectual e a do letrado, sem desconsideramos que ambos desempenham um papel ideológico, à partir dos conhecimentos que os singularizam, nas respectivas sociedades em que atuam. Nossa hipótese, à esteira do pensamento de Sartre,¹⁶ é a de que a função crítica em sociedade de que o intelectual se imbuí o levará a um despertamento existencial, já que o habilita a se opor à supremacia da classe dominante em defesa da universalidade de valores, mas que, ao mesmo tempo, o separa das camadas populares, pelo conhecimento, pela sua origem social e pela sua formação.

A condição de deslocamento que salientamos é, para Sartre,¹⁷ a característica maior que fomenta o perfil do intelectual como grupo. De fato, o filósofo existencialista analisa o intelectual como um “monstro que se define por sua consciência infeliz”,¹⁸ destoando tanto das classes hegemônicas quanto das desfavorecidas. Por sua origem, por sua formação, o intelectual liga-se às classes dominantes. Por seu comprometimento social, filia-se aos desfavorecidos. A imagem do monstro usada por Sartre justifica esse duplo pertencimento, bem como a posição deslocada do intelectual, que, conseqüentemente, não é reconhecido nem por uma classe, nem por outra.

¹³ BOBBIO. *Os intelectuais e o poder: dúvidas e opções dos homens de cultura na sociedade contemporânea*, p.120-121.

¹⁴ CURY. *Intelectuais em cena*, p. 14.

¹⁵ CURY. *Intelectuais em cena*.

¹⁶ SARTRE. *Em defesa dos intelectuais*.

¹⁷ SARTRE. *Em defesa dos intelectuais*

¹⁸ SARTRE. *Em defesa dos intelectuais*, p. 43.

A explicação de Sartre¹⁹ para essa situação dá-se, sobretudo, pelo embate entre a origem social do intelectual e o descortinamento ideológico que o acesso ao conhecimento lhe proporciona. De início, os intelectuais emergiriam dentre os técnicos do saber prático, grupo cooptado pela classe dominante no seio da pequena-burguesia para atividades específicas com fins lucrativos. O sistema de ensino, que se encarregaria de transmitir o saber, também elaboraria um lento convencimento ideológico, o que, posteriormente, os habilitaria para a defesa das práticas hegemônicas diante das outras classes. O intelectual seria o técnico de saber prático que toma consciência, através de sua formação universalista e humanista, de que é um ser privilegiado socialmente pelo conhecimento que detém, embora de forma aleatória. A visão crítica estrutural por ele desenvolvida acabaria por transformá-lo numa espécie de pária dentro da elite e, no entanto, as bases populares também o rejeitariam por sua procedência social: “ninguém o reivindica, ninguém o reconhece.”²⁰

Essa proposta de interpretação é reiterada posteriormente por Edward Said²¹ quando o crítico define o intelectual como um “outsider”. Tal definição, no entanto, adensa-se na reflexão do pensador palestino no sentido de que a condição de exílio passa a ser postulada pelo intelectual como uma forma de eleger como *locus* de enunciação a margem, expressando a recusa de assumir-se como representante das ideias hegemônicas enunciadas a partir do centro. O exílio é abordado por Said²² como a premissa da tarefa intelectual, isto é, como condição para que este promova sua inserção no espaço público e no espaço político:

O modelo do percurso do intelectual inconformado é mais bem exemplificado na condição de exilado, no fato de nunca encontrar-se plenamente adaptado, sentindo-se sempre fora do mundo familiar e da ladainha dos nativos, por assim dizer, predisposto a evitar e até mesmo ver com maus olhos as armadilhas da acomodação e do bem-estar nacional. Para o intelectual, o exílio nesse sentido metafísico é o desassossego, o movimento, a condição de estar sempre irrequieto e causar inquietação nos outros.²³

Já o letrado não é atravessado pelo deslocamento social típico dos intelectuais, o que não os impede, entretanto, de vivenciar um outro tipo de desassossego, que analisaremos posteriormente. Nesse sentido, embora Rama²⁴ não tenha como preocupação definir as

¹⁹ SARTRE. *Em defesa dos intelectuais*

²⁰ SARTRE. *Em defesa dos intelectuais*, p. 32.

²¹ SAID. *Representações do intelectual*: as conferências Reith de 1993, p. 10.

²² SAID. *Representações do intelectual*: as conferências Reith de 1993.

²³ SAID. *Representações do intelectual*: as conferências Reith de 1993, p. 60.

²⁴ RAMA. *A cidade das letras*.

distinções entre letrados e intelectuais, ele acaba evidenciando-as através de sua perspectiva de análise diacrônica. A configuração da cultura letrada que ele apresenta, anterior ao século 19, é essencialmente diferente daquela que ele discute após a sociedade moderna.

Para Rama,²⁵ o letrado caracteriza-se pelo manejo da linguagem simbólica, constituindo-se um poder ideológico, perspectiva que Bobbio²⁶ também percebe nos intelectuais após o século 19, como já assinalamos. Entretanto, o letrado, para o crítico uruguaio, seria marcado por uma compartilhamento de valores com o poder político-econômico estabelecido, associando-se a ele e compondo com esse grupo o mesmo estrato social: a classe dirigente. Mais ainda, os letrados seriam cômicos de seu privilégio social, originado principalmente do exercício da escrita em sociedades marcadas pela oralidade:

Es la que creo debemos llamar la ciudad letrada, porque su acción se cumplió en el prioritario orden de los signos y porque su implícita calidad sacerdotal, contribuyó a dotarlos de un aspecto sagrado, liberándolos de cualquier servidumbre con las circunstancias. Los signos aparecían como obra del Espíritu y los espíritus se hablaban entre sí gracias a ellos. Obviamente se trataba de funciones culturales de las estructuras de poder.²⁷

Rama²⁸ justifica a ligação entre cultura letrada e a esfera política ressaltando a necessidade de que houvesse um aparato ideológico de sustentação do poder constituído, tarefa que seria levada a cabo pelos letrados a partir de sua desvinculação religiosa, o que se dá num crescente a partir do século 15. Contudo, o teórico²⁹ rejeita a tradicional crítica marxista, que relegaria aos letrados a condição de meros funcionários de um projeto da classe política. Para ele, os letrados exerceriam um papel ativo e de importância estratégica, configurando as diretrizes culturais de seu tempo. Todavia, essa tarefa também estaria relacionada com a manutenção da hegemonia da classe dirigente de que fazem parte,³⁰ uma vez que ela se sustentaria no domínio de um privilégio: a escrita e a cultura letrada. Nesse aspecto, Rama entra em sintonia com a perspectiva sartriana que defendemos, já que evidencia, para os letrados, a inexistência do estranhamento com o seu meio social, contudo

²⁵ RAMA. *A cidade das letras*, p. 43.

²⁶ BOBBIO. *Os intelectuais e o poder: dúvidas e opções dos homens de cultura na sociedade contemporânea*, p. 11.

²⁷ RAMA. *A cidade das letras*, p. 32.

²⁸ RAMA. *A cidade das letras*, p. 18-19.

²⁹ RAMA. *A cidade das letras*, p. 36

³⁰ RAMA. *A cidade das letras*, p. 31.

presente para os intelectuais. É justamente nessa perspectiva que Sartre,³¹ embora os reconheça como membros da cultura letrada, diferencia os intelectuais dos iluministas do século 18, advogando que os filósofos estariam em acordo com a classe que lhes deu origem: a burguesia.

Ainda de acordo com o teórico uruguaio, além da referida associação entre cultura letrada e poder estabelecido, os letrados teriam por característica ser um grupo social reduzido, fechado e urbano.³² Conjuntamente a esses fatores, fomenta essa configuração o fato de que os letrados se constituíam, até à popularização da escrita e da leitura na sociedade moderna, uma elite cultural apta a manejar o signo escrito e a língua culta, corroborando com a manutenção de seu *status* social diferenciado ao revestir a cultura letrada com uma aura quase mítica:

La capital razón de su supremacía se debió a la paradoja de que sus miembros fueron los únicos ejercitantes de la letra en un medio desguarnecido de letras, los dueños de la escritura en una sociedad analfabeta y porque coherentemente procedieron a sacralizarla [...] Aún más que la letra, conjugaron los símbolos todos.³³

Essa conjuntura foi responsável, assim, pela afirmação dos letrados enquanto minoria social,³⁴ inexoravelmente distanciados da diversidade e da renovação contínua da experiência popular. Rama³⁵ aponta, nesse sentido, para a imobilidade da cultura letrada, que se basearia na abstração da linguagem simbólica, opondo-se à volátil materialidade da maioria da população.

A contribuição de Amaral³⁶ para a temática do afastamento da cultura letrada alcança ainda uma outra perspectiva, embora não se oponha a linha social delineada por Rama.³⁷ O pesquisador brasileiro advoga que os letrados, vocacionalmente preparados para as questões reflexivas, se veriam constringidos a exercer, geralmente alinhados com o poder político, atividades que lhes exigiam a aplicação prática de seus conhecimentos:

³¹ SARTRE. *Em defesa dos intelectuais*, p. 21.

³² RAMA. *A cidade das letras*, p. 37.

³³ RAMA. *A cidade das letras*, p. 37-38.

³⁴ RAMA. *A cidade das letras*, p. 43.

³⁵ RAMA. *A cidade das letras*, p. 23.

³⁶ AMARAL. *Cultura letrada e soberania*.

³⁷ RAMA. *A cidade das letras*.

A cultura letrada exprimia como problemática a antiga dicotomia [a oposição entre vida ativa e vida contemplativa], e reunia em si tanto a contemplação quanto a ação. O primeiro termo é o que lhe dava um caráter particular na ordem estamental herdada da Idade Média; o homem das letras – “sacerdote das Musas”, no dizer de Ficino – era definido pelo estatuto que o familiarizava com o legado clássico e todo o tesouro textual do Ocidente, o qual lhe dava um horizonte e lhe servia de alimento (...) Mas as condições efetivas de existência da cultura letrada a submeteram a serviço do reino ativo da política e do negócio.³⁸

Seria justamente essa polaridade que, segundo Amaral,³⁹ daria origem à melancolia letrada, desassossego inerente a esse grupo que os caracterizava e que “os apartava da sociedade, como bizarros ou excêntricos”.⁴⁰ Continuando seu raciocínio, o pesquisador configura esse mal-estar como um desajuste do espírito letrado que singulariza os letrados como grupo, sendo visto, já no século 15, como um privilégio, digno de poucos.⁴¹

Como podemos perceber, também os letrados passavam por questionamentos que problematizavam sua atuação em sociedade, sendo, contudo, totalmente distintos daqueles que marcarão a existência dos intelectuais nas sociedades modernas. Diferentemente do intelectual, o letrado não é deslocado socialmente. Sua oposição, em nenhum momento, traz um posicionamento crítico desinteressante à classe dirigente; ao contrário, os letrados reforçam sua filiação a esse grupo, afirmando-se como seres de prestígio social graças às suas competências intelectuais e ao conhecimento que reverenciam. A oposição entre vida ativa e contemplativa, como nos mostra Amaral,⁴² provoca a nostalgia de uma república das letras ideal muito mais do que um desconforto social, sentimento experienciado visceralmente pelos intelectuais a partir do século 19.

O grande divisor de águas entre a perspectiva do letrado e a do intelectual se encontra na incorporação progressiva de novos membros ao grupo dos letrados, o que o torna menos refratário. Essa abertura, postulada por Rama,⁴³ é entendida pelo crítico uruguaio como um fruto do liberalismo econômico, da disseminação da educação e do aumento da população, fatores que exigiriam, cada vez mais, uma mão de obra mais especializada. A partir de então, a cultura letrada recebe incursões de outras esferas sociais, principalmente da classe média,

³⁸ AMARAL. *Cultura letrada e soberania*, p. 66.

³⁹ AMARAL. *Cultura letrada e soberania*, p. 73.

⁴⁰ AMARAL. *Cultura letrada e soberania*, p. 54.

⁴¹ AMARAL. *Cultura letrada e soberania*, p. 59.

⁴² AMARAL. *Cultura letrada e soberania*, p. 73.

⁴³ RAMA. *A cidade das letras*.

desejosa em ascender socialmente pelas letras. Contudo, é justamente essa perda do domínio aristocrático dos letrados que, na opinião de Rama,⁴⁴ abriria um espaço crítico pelo afrouxamento dos laços com o poder político:

En el sector académico, el ejercicio independiente de las profesiones llamadas aún “liberales”, o la creación de institutos que proporcionaban títulos habilitantes (maestros, profesores de segunda enseñanza) instauraron un espacio más libre, menos directamente dependiente del Poder, para las funciones intelectuales, y será en este cauce que comenzará a desarrollarse un espíritu crítico que buscará abarcar las demandas de los estratos bajos, fundamentalmente urbanos, de la sociedad, aunque ambicionando, obsesivamente, infiltrarse en el poder central pues en definitiva se o siguió viendo como el dispensador de derechos, jerarquías y bienes.⁴⁵

Seria esse pensamento independente, suficientemente separado do poder político, que, para Rama,⁴⁶ caracterizaria esse novo segmento da cultura letrada, que nós identificamos como a intelectualidade. Vale ressaltar, nesse sentido, que esse distanciamento será fundamental para a defesa idônea dos valores universais que irá pautar a tarefa desse grupo emergente. Essa postura, muitas vezes, adquirirá contornos de reivindicação política e de enfrentamento, uma vez que os intelectuais, movidos por esses ideais, tentarão fazê-los valer para camadas mais abrangentes da população. Concorre para esse fenômeno também o amadurecimento da esfera pública apontado por Bobbio⁴⁷ e já comentado anteriormente nesse artigo, o que, segundo Rama,⁴⁸ daria aos intelectuais a função de atuar socialmente, fornecendo opiniões e elaborando críticas em defesa dos valores universais de que se farão defensores. A palavra em direção ao outro, como poderemos perceber, constitui-se uma das sustentações da atividade intelectual. De fato, Rama⁴⁹ destaca que, nos séculos 19 e 20, os intelectuais assumiriam uma “función ideologizante”. Por essa perspectiva, caberia a esse grupo ditar os rumos da sociedade e traçar seus objetivos, assim como outrora fizeram os clérigos nos séculos anteriores. No século 20, essa atitude teria sido revestida por diretrizes

⁴⁴ RAMA. *A cidade das letras*.

⁴⁵ RAMA. *A cidade das letras*, p. 63.

⁴⁶ RAMA. *A cidade das letras*, p. 65.

⁴⁷ BOBBIO. *Os intelectuais e o poder: dúvidas e opções dos homens de cultura na sociedade contemporânea*, p. 11.

⁴⁸ RAMA. *A cidade das letras*, p. 114.

⁴⁹ RAMA. *A cidade das letras*, p. 86.

claramente políticas, culminando com a célebre concepção dos intelectuais como porta-vozes das classes desprestigiadas.⁵⁰

Essa mentalidade, muito difundida, servirá de esteio para a prática intelectual, entrando em crise, contudo, já ao final do século 20. O sentimento de impotência dos intelectuais, aliado à consciência das diferenças constitutivas entre as classes populares e esse grupo, servirão de motor para o rompimento dessa perspectiva moderna. A partir de então, os intelectuais passaram a discutir, não sem pessimismo, as novas possibilidades de atuação que lhe cabem numa sociedade que, cada vez mais, parece prescindir de seu posicionamento.

Essa temática é a que propomos explorar no romance *Um quarto de légua em quadro*, de Assis Brasil, estabelecendo a possibilidade de uma leitura alegórica para a postura de Gaspar de Fróis. Em vez de portar-se como um letrado, como esperado dentro da temporalidade da narrativa, o século 18, a personagem vivencia os problemas de um intelectual em crise no século 20.

O romance, publicado pela primeira vez em 1976, tem como tema central a imigração dos açorianos para o sul do Brasil nos anos 1752 e 1753. Escrito na forma de um diário, o romance é narrado em primeira pessoa pela personagem Gaspar de Fróis. Além do narrador, existem ainda um editor ficcional de 1780, que publica o diário, e outro intermediário, o Frei Faustino Antônio de Santo Alberto, que supostamente teria entregue os diários do médico para o editor ficcional. Estabelece-se, assim, um complexo jogo autoral.

Na obra em questão, a personagem Gaspar de Fróis merecerá destaque em nossas análises. Já de início fica demarcado, para o leitor, que ele ocupa um espaço diferenciado no romance, seja por sua preponderância discursiva como o autor do diário em que os acontecimentos são narrados, seja por seu destaque social frente aos outros colonos. Aos poucos, no entanto, fica latente que ele assume o posicionamento de um intelectual. Primeiramente, é atribuída ao personagem uma erudição representada por seu baú de livros, como se Gaspar de Fróis estivesse respaldado por uma tradição de cultura:

Lembrei de meu baú, abarrotado de livros. Ofereci-me para emprestar algum... se quisesse, naturalmente.

– Ora, se quero! Podemos ver agora? – A custo procurava controlar-se.

Logo já estávamos, à luz de uma vela, remexendo no baú. O fidalgo pegava um volume, abria-o, com um riso de contentamento. Fechava, para abrir outro. A longa mão acariciava as lombadas, com amor, com requintes de ternura. Admirava a encadernação, depois as ilustrações e não conseguia refrear um “isto sim!”, de alegria.

⁵⁰ RAMA. *A cidade das letras*, p. 105.

Quando pensei que ia escolher algum, jogou-se pesadamente no catre. Mirava o baú, recheado de cultura e de ideias.⁵¹

Posteriormente, é evidenciada sua visão crítica sobre a realidade que o cerca, o que denuncia um processo reflexivo que extrapola a mera observação dos fatos. Tal observação termina por deixar-se permear por questionamentos e visões críticas sobre a forma como é conduzido o processo de assentamento de um grupo de açorianos que vieram para o Brasil, ainda na época da Colônia, para povoar espaços territoriais ao sul do país. Essa característica acaba singularizando o narrador perante si mesmo, cobrando-se posicionamentos frente os colonos e os donos do poder. “Urgia falar. Afinal, sou o doutor Gaspar. Aquele único que, dentro dessa ilha de mundo, tem obrigação de conhecer o direito ou o avesso dos fenômenos.”⁵² Dessa forma, Gaspar de Fróis projeta em si mesmo a atuação na esfera pública pela qual Bobbio⁵³ define a prática intelectual.

Entretanto, as especificidades do papel de intelectual provocam, para Gaspar de Fróis, um deslocamento, num ambiente marcado pelo fenômeno da imigração. Nascido do estranhamento, que interliga as esferas política e pessoal,⁵⁴ o discurso de Gaspar de Fróis revela, principalmente, a ambiguidade da posição do intelectual frente a uma sociedade visivelmente dividida entre uma população desvalida e uma elite composta principalmente por militares. As atitudes do médico expressam a ambiguidade do lugar ocupado pelo intelectual. Muitas vezes, ele rejeita a posição social diferenciada que lhe é conferida, reclamando para si uma posição sem distinções frente aos outros colonos: “Sempre ‘o fidalgo’! Que não se pode mais andar como um homem?”⁵⁵ Entretanto, contraditoriamente, às vezes a personagem marca sua separação da massa trabalhadora, defendendo, na prática, as distintas funções que essas duas classes deveriam desempenhar:

Achara as botas.

– Aqui, bem no meu nariz! Bom, mas com tantos livros pôr cima! O que tem esses livros escritos dentro? – Revirava os volumes.

– Coisas de médico, livros de romance, estórias.

– Ah! Deve ser bom a gente saber ler! Nesse navio só tem quatro que sabem.

⁵¹ ASSIS BRASIL. *Um quarto de légua em quadro* – diário do doutor Gaspar de Fróis, médico, p. 22.

⁵² ASSIS BRASIL. *Um quarto de légua em quadro* – diário do doutor Gaspar de Fróis, médico, p. 80.

⁵³ BOBBIO. *Os intelectuais e o poder: dúvidas e opções dos homens de cultura na sociedade contemporânea*.

⁵⁴ BHABHA. *O local da cultura*, p. 185.

⁵⁵ ASSIS BRASIL. *Um quarto de légua em quadro* – diário do doutor Gaspar de Fróis, médico, p. 185.

– Mas, me calças as botas, que se esfria a comida.⁵⁶

A personagem Gaspar de Fróis, impossibilitada de exibir um pertencimento social exclusivo, articula, assim, literariamente, os impasses que regem o papel e a inserção dos intelectuais na sociedade do século 20. Essa condição marginal do intelectual, na obra *Um quarto de légua em quadro*, fica patente no isolamento experienciado por Gaspar de Fróis com relação à sociedade que o cerca. A dicotomia estabelecida, por vezes, atinge graus extremos, rompendo qualquer possibilidade de conciliação. No trecho selecionado, o narrador enuncia seu caráter destoante:

Apenas um sentimento impreciso, de que sempre alguma coisa não estará certa: se não sou eu, é o mundo. Se me desfaço, se me atomizo, o mundo e os homens que passeiam nele deverão, seguramente, ir num bom destino.⁵⁷

A contundência da postura de Gaspar de Fróis é agravada no decorrer do romance. Primeiramente, a personagem, devido ao seu despertamento, abdica de uma possível intervenção na esfera pública e de um posicionamento crítico mais contundente. Edward Said⁵⁸ vê esta postura como a mudança do papel de intelectual para o de testemunha. Nesse ponto, a defesa dos valores morais, característica da função intelectual, cederia lugar para o sentimento de paralisia e impotência, restando ao intelectual relatar, de alguma maneira, o que presenciou. O discurso, assim, parece ser o último refúgio do intelectual desprovido de seu papel de atuação social. Ao fim da obra, contudo, a situação se torna insustentável, o que corroboraria a tese do editor ficcional, que insinua que o médico enlouqueceu, perdido em seu isolamento social:

Tivemos o cuidado de respeitar tudo o que foy escripto pelo infortunado cirurgiam, nam deixando de lado nem cousas que nos pareceram desatinadas ou indecentes porque em tudo ha o espirito desse homem singular, tam estimado por todos & tam desestimado de si mesmo, que nam lhe reconhecia virtudes & tam somente defeitos.⁵⁹

Assim, Gaspar de Fróis deseja experimentar mas acaba por inviabilizar a saída moderna para o intelectual estabelecida por Sartre⁶⁰ e Said,⁶¹ ou seja, o alinhamento com as

⁵⁶ ASSIS BRASIL. *Um quarto de légua em quadro* – diário do doutor Gaspar de Fróis, médico, p. 10.

⁵⁷ ASSIS BRASIL. *Um quarto de légua em quadro* – diário do doutor Gaspar de Fróis, médico, p. 166.

⁵⁸ SAID. *Representações do intelectual: as conferências Reith de 1993*, p.16.

⁵⁹ ASSIS BRASIL. *Um quarto de légua em quadro* – diário do doutor Gaspar de Fróis, médico, p. 189.

⁶⁰ SARTRE. *Em defesa dos intelectuais*, p. 42.

⁶¹ SAID. *Representações do intelectual: as conferências Reith de 1993*, p. 35-36.

classes desprestigiadas. O primeiro aponta como solução para o despertencimento existencial do intelectual a aliança com os que lutam contra o falso universalismo burguês e propõem, em troca, a justiça para a maioria. A acolhida da luta dos desfavorecidos, assim, representaria o fim da dicotomia do intelectual, que vive constantemente evidenciando as limitações do projeto iluminista de homem, mas que não pode negar sua origem. O segundo, de maneira similar, entende que esse tipo de lealdade se dá em virtude da postura crítica e dos valores morais do intelectual, que deve se recusar a compactuar com as classes dominantes e, conseqüentemente, com seu sistema de exploração.

Essa escolha da personagem revela, como tentaremos demonstrar, a falência do intelectual moderno na sociedade contemporânea. Gaspar de Fróis, marcado pelo seu isolamento, aponta para o irrealizável alinhamento da figura do intelectual com qualquer grupo na esfera social. Contudo, fica patente a pertinência da já referida caracterização do intelectual elaborada por Sartre⁶² como um monstro pelo seu desconcerto existencial, uma vez que é a própria personagem que assim se qualifica. Gaspar de Fróis assume-se como a criatura de Victor Frankenstein, um ser sem pertencimento social algum e, portanto, sem condições de representar alguém do ponto de vista social. Nessa perspectiva, a validade de qualquer intervenção social em nome dos desvalidos é questionada, o que problematiza o lugar dos intelectuais e sua função no cenário do romance, questões evidentemente ligadas ao momento de escrita da obra, os anos 1970, e a contemporaneidade:

De tudo ficou a conclusão, evidente: não sou um todo monolítico. Ao contrário: dos pedaços de que sou feito por vezes escorre o cimento, desconjuntando a obra, ora pendendo-a para um lado, ora para o outro. A unidade desejada, creio que não alcançarei, por mil anos que viva.⁶³

Para Sarlo,⁶⁴ os insucessos dos movimentos revolucionários do século 20 e da atuação dos intelectuais levaram a um descrédito tanto do público com relação a essa classe quanto dos próprios intelectuais em relação ao seu papel social. Paulatinamente, sua postura contestadora teria sido retomada pelos grupos minoritários, como o feminismo, partindo de uma visão interna e particular e desvinculado de um senso coletivo maior. Cury⁶⁵ também sublinha a interferência, nesse cenário, das indústrias culturais. Claramente, a cultura de

⁶² SARTRE. *Em defesa dos intelectuais*.

⁶³ ASSIS BRASIL. *Um quarto de légua em quadro* – diário do doutor Gaspar de Fróis, médico, p. 148.

⁶⁴ SARLO. *Intelectuais*, p. 165-166.

⁶⁵ CURY. *Intelectuais em cena*, p. 23.

massa, ao propagar produtos culturais de fácil acesso e compreensão, satisfazendo ao público, relativiza a vertente da cultura mais complexa, de iniciados, como os intelectuais.

O desconforto dessa situação já é condição intrínseca dos intelectuais na sociedade globalizante, sobretudo nos anos 1970, período da elaboração de *Um quarto de légua em quadro*. É necessário registrar, nesse sentido, que o contexto brasileiro, marcado pela ditadura militar, culmina por evidenciar a fragilidade da concepção moderna sobre a função dos intelectuais. Dessa forma, podemos analisar o romance, mesmo que tenha sua narrativa se desenrolando no século 18, como promotor de um debate sobre os desafios que o período ditatorial brasileiro da década de 1970 impunha aos intelectuais. Através da personagem Gaspar de Fróis, há, efetivamente, uma reflexão sobre se o intelectual, a partir da década de 1970, poderia ainda representar uma coletividade, da qual exercesse a função de porta-voz. A contradição de sua conduta ética o faz, ao mesmo tempo, assumir um posicionamento crítico que o impede de compactuar com os projetos políticos da elite nacional e com as arbitrariedades do governo militar. Assim, o intelectual se vê num impasse diante da esfera pública, indagando-se como atuar e que estratégias conceber para manifestar-se e ser fiel aos seus ideais.

Posto isso, esse cruzamento de temporalidades, assumido num recorte que faz do Brasil colônia uma representação alegórica de outro momento histórico, os anos 1970 vividos sob a égide da ditadura militar brasileira, é o que se pretende analisar na próxima seção do artigo.

A ALEGORIA EM *UM QUARTO DE LÉGUA EM QUADRO* NO CONTEXTO DOS ANOS 1970

Flora Süssekind,⁶⁶ em seus estudos sobre a produção artística durante a ditadura militar, salienta que a crítica vem condicionando os recursos estilísticos empregados então pelos artistas, como a alegoria, à censura promovida por esse regime de governo. Embora a pesquisadora reconheça a importância do impedimento de expressão para o cenário cultural do período, ela argumenta que “ao contrário do que se pensa normalmente, a censura não foi nem a única, nem a mais eficiente estratégia adotada pelos governos militares no campo da cultural depois de 1964”.⁶⁷ A hipótese de trabalho de Süssekind é que, para além da censura, existiu uma agressiva política cultural por parte do regime de exceção brasileiro que cumpriu três etapas, denominadas por ela de “estética do espetáculo”, “estratégia repressiva” e

⁶⁶ SÜSSEKIND. *Literatura e vida literária: problemas, diários & retratos*, p. 17.

⁶⁷ SÜSSEKIND. *Literatura e vida literária: problemas, diários & retratos*, p. 21.

“estratégia de incentivos e cooptações”. Sua perspectiva nos ajudará a compreender como a intelectualidade dos anos ditatoriais se viu colocada à margem da sociedade e diante de desafios que redimensionaram seu papel social. Mais ainda, seus estudos criarão as condições para entendermos a produção alegórica do período, contextualizando a leitura que propomos de *Um quarto de légua em quadro*.

Segundo Sússekind,⁶⁸ a primeira fase da diretriz cultural da ditadura militar brasileira teria sido desenvolvida até 1968, ano que marca o início do AI-5. Nesse sentido, haveria um incentivo, por parte do governo, às mídias, especialmente a televisão. Os intelectuais, curiosamente, teriam desfrutado de uma relativa liberdade, o que justifica se reconsiderarmos o peso de sua influência nesse cenário. Paulatinamente, a televisão substitui, como política cultural eficiente, o papel do intelectual em diálogo com a população, fazendo que suas considerações ficassem restringidas ao próprio grupo da intelectualidade. De fato, observa-se assim uma hipertrofia de suas possibilidades de atuação, o que será sentido pelos intelectuais, agravando a crise que já experienciam pela incompatibilidade de sua postura moderna no século 20.

Entretanto, à esteira das reivindicações estudantis, fomentadas pela intelectualidade, o governo militar teria iniciado a sua segunda linha de ação cultural: a “estratégia repressiva”. Sússekind⁶⁹ defende que essa política vigoraria desde o decreto do AI-5, em 1968, até o surgimento da Política Nacional de Cultura, criada em 1975. A partir de então, a liberdade de expressão ficaria suspensa, ocasionando perseguições e sanções àqueles que emitissem opiniões consideradas perigosas ou mesmo dissonantes. Nesse momento, “se passa a sentir a presença de um censor ao lado da máquina de escrever”,⁷⁰ incômodo que levará os escritores a adotar diferentes linguagens metafóricas ou outros meandros para se exprimirem, como a alegoria. Vemos, dessa forma, que os intelectuais sofrem novo golpe, agora com suas liberdades restringidas e com ameaças constantes no exercício de sua atividade crítica em sociedade.

Por fim, a “estratégia de incentivos e cooptações”, presente a partir de 1975 até o fim do regime de exceção, é executada como a nova forma do Estado em restringir o espaço crítico da intelectualidade. Sússekind⁷¹ observa que o governo militar passa a cooptar, através

⁶⁸ SÜSSEKIND. *Literatura e vida literária*: problemas, diários & retratos, p. 22-23.

⁶⁹ SÜSSEKIND. *Literatura e vida literária*: problemas, diários & retratos, p. 27.

⁷⁰ SÜSSEKIND. *Literatura e vida literária*: problemas, diários & retratos, p. 31.

⁷¹ SÜSSEKIND. *Literatura e vida literária*: problemas, diários & retratos, p. 42.

de apoios financeiros, os intelectuais brasileiros. Diante das limitações impostas à sua existência, como a falta de espaço para a circulação de suas ideias e as dificuldades de sobrevivência, alguns membros da intelectualidade teriam aceitado cargos ou incentivos financeiros, passando a trabalhar em sintonia com as diretrizes que lhes são impostas. Os intelectuais, também nesse cenário, veem com desilusão as posturas que lhes serviam de parâmetro, a saber, a independência crítica e a oposição ao poder estabelecido em nome de valores universais e de uma classe desprestigiada, à margem da sociedade. As vicissitudes da vida real, de certa forma, parecem ter desconstruído a legitimação de existência dos intelectuais, legando-os uma profunda tarefa reflexiva sobre a crise que enfrentam.

A opinião de que os intelectuais, somado à falência dos ideais modernos no século 20, experienciam um momento especialmente conturbado durante a ditadura militar brasileira é reiterado por Avelar.⁷² Em primeiro lugar, o pesquisador⁷³ aponta para mudança de orientação das universidades, que paulatinamente abandonariam o ideal moderno e assumiriam uma conduta pós-moderna. Essa passagem seria marcada, segundo o próprio teórico,⁷⁴ pela perda de uma esfera crítica independente e da proposta universal moderna, justamente pelo progressivo comprometimento da universidade com as regras do mercado, o que a impulsionaria a formar técnicos para as necessidades de produção ao invés de intelectuais, ou seja, indivíduos comprometidos com a atividade reflexiva. A importância dos governos militares, nessa abordagem, não seria pequena. Avelar afirma que na América

a transição ao horizonte pós-moderno é aqui levada a cabo pelas ditaduras – porque os estados modernos latino-americanos, nacional-populistas ou nacional-liberais, não podiam – ou não puderam – abrir o caminho à terceira fase do capital. Eram, eles mesmos, suas futuras vítimas. Só a tecnocracia militar estava qualificada, aos olhos das classes governantes locais, para purgar o corpo social de todos os elementos resistentes a esta reconfiguração.⁷⁵

Fica claro, após a leitura do excerto, que os intelectuais se encontram dentre esses “elementos resistentes” que o pesquisador faz menção. A prática intelectual, evidentemente, vai de encontro à setorização do saber e a perda de perspectiva contestatória impulsionadas

⁷² AVELAR. *Alegorias da derrota: a ficção pós-ditatorial e o trabalho de luto na América Latina*.

⁷³ AVELAR. *Alegorias da derrota: a ficção pós-ditatorial e o trabalho de luto na América Latina*, p. 95.

⁷⁴ AVELAR. *Alegorias da derrota: a ficção pós-ditatorial e o trabalho de luto na América Latina*, p. 96.

⁷⁵ AVELAR. *Alegorias da derrota: a ficção pós-ditatorial e o trabalho de luto na América Latina*, p. 96-97.

pelo mercado e pelo regime de exceção. Avelar,⁷⁶ dessa maneira, ressalta, durante a primeira política cultural da ditadura militar, a intensa desvalorização da prática intelectual promovida pelo Estado brasileiro. Sob o reconhecimento da cultura popular, haveria a posição do regime de exceção em repudiar uma politização da cultura nacional. Mais ainda, seu próprio interesse por essa temática revelaria um movimento de desarticulação da intelectualidade, uma vez que o Estado tomaria para si o discurso de reconhecimento que pautou as atividades intelectuais anteriores ao golpe. É nesse sentido que esse pesquisador afirma:

O drama dessa *intelligentsia* não se manifestava exclusivamente na Argentina, mas sem dúvida foi mais profundo lá que em qualquer parte da América Latina: como conceber seu próprio papel num movimento populista caracterizado pelo mais estreito anti-intelectualismo? A maioria dos setores progressistas argentinos chegava à discussão política central dos anos sessenta – a relação possível ou desejável entre os intelectuais e as “massas” – alimentando uma profunda suspeita da reflexão teórica e ignorando o messianismo que já ganhava espaço na esquerda.⁷⁷

É sob a égide dessa herança traumática que compreendemos a discussão que a personagem Gaspar de Fróis realiza em um *Um quarto de légua em quadro*. Os intelectuais, nesse cenário, já não conseguem sustentar sua posição de porta-vozes dos oprimidos: “a *intelligentsia*, forçada ao espaço da especialização acadêmica, se dá conta com angústia que já não pode formular um projeto para a totalidade.”⁷⁸ Deslocados, os intelectuais já não conseguem encontrar solução para seus despertencimento existencial, como bem enuncia Gaspar de Fróis:

Era como se toda a multidão dos desamparados, dos famintos e desvalidos do mundo estivesse esperando de mim uma solução. E quem sou eu para dar soluções, que não soluciono nem os meus próprios desamparos, minha fome, meus desvalimentos?⁷⁹

É justamente a anacronia desse posicionamento que, claramente, exemplifica a crise vivenciada pelos intelectuais, já na década de 1970 do século 20, em uma trama narrativa que se passa no século 18, que nos permite reconhecer a presença de um procedimento alegórico em *Um quarto de légua em quadro*. Essa hipótese se solidifica se observamos que,

⁷⁶ AVELAR. *Alegorias da derrota: a ficção pós-ditatorial e o trabalho de luto na América Latina*, p. 55-56.

⁷⁷ AVELAR. *Alegorias da derrota: a ficção pós-ditatorial e o trabalho de luto na América Latina*, p. 63.

⁷⁸ AVELAR. *Alegorias da derrota: a ficção pós-ditatorial e o trabalho de luto na América Latina*, p. 102.

⁷⁹ ASSIS BRASIL. *Um quarto de légua em quadro* – diário do doutor Gaspar de Fróis, médico, p. 80.

discretamente, há referências que permeiam a obra sobre a censura que os escritores sofriam durante o regime militar brasileiro. Ainda nas páginas iniciais, em um diálogo entre D. Pedro de Souza e Gaspar de Fróis, as personagens comentam a restrição elaborada pela Igreja Católica a livros que ela considerava como perniciosos:

- Mas, que traz aí? – perguntei, notando que o fidalgo agarrava-se a um pequeno embrulho.
Embaraçou-se.
- Um livro...quer ver? – Desenrolou, com lentidão cerimonial, um pequeno volume. ‘Jerusalém libertada’
- Ainda lê isso?
- Que se faz? Foi o único que me permitiram. Já li e reli. Sei de cor e salteado.⁸⁰

Se deslocarmos temporalmente a temática desenvolvida nessa passagem por Assis Brasil, é possível encontrarmos uma correspondência entre o cerceamento de expressão imposto pela Igreja, perdurando ainda no século 18, e aquele empreendido pela ditadura militar brasileira. Nesse sentido, é interessante notarmos que as consequências dessa arbitrariedade são sentidos e comentados por personagens que se encaixam dentro do campo do saber: D. Pedro é um fidalgo que, à custa de insucessos financeiros, perde seu prestígio social e decide embarcar para o Brasil, sem contudo abandonar sua formação letrada; Gaspar de Fróis, como postulamos, vivencia a crise da intelectualidade projetada no século 18. Delineia-se, assim, que esse impedimento é encarado como um problema específico do setor letrado e não como um mal prejudicial à toda a população, o que reforça nossa hipótese interpretativa que *Um quarto de légua em quadro* traz, como uma de suas possíveis leituras, os dilemas dos intelectuais em sociedade, especialmente durante o regime militar.

Nossa hipótese é que essa sobreposição de temporalidades, se interpretadas pelo eixo benjaminiano, pode ser encarada como um índice alegórico. Nos interessa, além da associação entre acontecimentos, a ideia de que o passado é reelaborado e reinterpretado constantemente pela ótica do presente, tal como destaca Gagnebin.⁸¹ Dessa maneira, a imigração açoriana para o Brasil e a personagem Gaspar de Fróis, em *Um quarto de légua em quadro*, readquirem novos contornos e significados, corroborando a caracterização anacrônica da personagem Gaspar de Fróis como um intelectual. A evocação desse cenário está, sob esse prisma, intimamente ligada ao momento de escritura do romance em questão e, assim, inexoravelmente, sujeita a interferências discursivas, especialmente no que diz respeito à crise

⁸⁰ ASSIS BRASIL. *Um quarto de légua em quadro* – diário do doutor Gaspar de Fróis, médico, p. 22.

⁸¹ GAGNEBIN. Notas sobre as noções de Origem e Original em Walter Benjamin, p. 287.

dos intelectuais no século 20, agravada, em nosso país, na década de 1970. Esse apontar para fora que indica uma outra referencialidade, tipicamente da condição alegórica, é também abordado pela crítica suíça:

A operação alegórica, em particular, efetua uma pulverização da significação que manifesta o reconhecimento da significação que manifesta o reconhecimento, ao mesmo tempo, da insuficiência e da inesgotável abundância da linguagem. Enquanto o símbolo, como seu nome indica, tende à restauração da unidade do ser e da palavra, a alegoria insiste sobre a sua não-identidade essencial, porque a linguagem diz sempre outra coisa (allogorein) que aquilo que ela visa, que ela só nasce e renasce nesta fuga perpétua de um sentido último (...). A alegoria nos revela que a linguagem é produção e destruição de sentido que não é apenas seu jorro vital, mas também sua proximidade com a morte que constituem sua verdade.⁸²

Avelar⁸³ afiniza-se com a proposta Gagnebin,⁸⁴ também enunciando que a alegoria surge já movida pelo desencantamento, como ocorre com os intelectuais na década de 1970. Mesmo assim, a configuração da alegoria como falência, na opinião do pesquisador, não significa que o objeto alegorizado possa ser anulado ou obliterado, permanecendo ainda em suspensão: “a alegoria é a cripta tornada resíduo de reminiscência.”⁸⁵ Tal afirmação também coaduna-se com a posição dos intelectuais durante a ditadura militar brasileira, que, embora tenham sua função social questionada e desmitificada, ainda não são descartados inteiramente.

Ainda é Avelar⁸⁶ que revisita, sob essa perspectiva, a pertinência da alegoria no contexto ditatorial da América Latina. Assim como Sússekind,⁸⁷ o crítico percebe três formas ficcionais predominantes durante os governos de exceção: o romance-reportagem, as narrativas confessionais e a literatura alegórica. Desse último tipo, Avelar⁸⁸ salienta que o condicionamento desse recurso estilístico à restrição da liberdade de expressão esconde uma simplificação redutora de suas potencialidades. Para ele,⁸⁹ a alegoria denotaria a insuficiência

⁸² GAGNEBIN. Notas sobre as noções de Origem e Original em Walter Benjamin, p. 291.

⁸³ AVELAR. *Alegorias da derrota: a ficção pós-ditatorial e o trabalho de luto na América Latina*, p. 17.

⁸⁴ GAGNEBIN. Notas sobre as noções de Origem e Original em Walter Benjamin. [Ideia central desenvolvida ao longo do livro].

⁸⁵ AVELAR. *Alegorias da derrota: a ficção pós-ditatorial e o trabalho de luto na América Latina*, p. 17.

⁸⁶ AVELAR. *Alegorias da derrota: a ficção pós-ditatorial e o trabalho de luto na América Latina*.

⁸⁷ SÜSSEKIND. *Literatura e vida literária: problemas, diários & retratos*.

⁸⁸ AVELAR. *Alegorias da derrota: a ficção pós-ditatorial e o trabalho de luto na América Latina*, p. 20.

⁸⁹ AVELAR. *Alegorias da derrota: a ficção pós-ditatorial e o trabalho de luto na América Latina*, p.

da expressividade da linguagem e da literatura, uma vez que se dedica a tratar já de uma impossibilidade, de uma outra realidade impronunciável, também sendo fomentada pelo sentimento de inalterabilidade do quadro de crise. É nesse sentido que Avelar⁹⁰ articula o conceito de pós-ditadura,⁹¹ salientando o pessimismo fundamental que permeia a ficção do período como um todo e especialmente aquele que se vale da alegoria:

A alegoria seria então uma forma desesperada, a própria expressão estética da desesperança. O florescimento da alegoria em tempos de reação política nada teria que ver, então, com a difundida explicação de que para escapar à censura a literatura construiria formas “alegóricas” de dizer coisas que em outras condições poderiam ser expressas “diretamente”. A alegoria é a face estética da derrota política (...) não por causa de algum agente extrínseco, controlador, mas porque as imagens petrificadas das ruínas, em sua imanência, oferecem a única possibilidade de narrar a derrota. As ruínas são a única matéria-prima que a alegoria tem a sua disposição.⁹²

Finalmente, faz-se necessário ressaltar que essa análise se harmoniza com a leitura que propomos de *Um quarto de légua em quadro*. Primeiramente, ela toma o cenário da crise como ponto de partida do recurso alegórico, o que se manifesta na obra, como demonstramos, através das reflexões sobre o deslocamento inerente do intelectual. Mais importante, contudo, é a situação de impasse que Avelar⁹³ destaca na alegoria e que é levada até às últimas consequências no romance com que trabalhamos, o que é manifestado através da ruptura final da escrita diarística de Gapar de Fróis, impossibilitada em traduzir em linguagem a totalidade de sua experiência, da pressuposta loucura de Gaspar de Fróis e de seu desaparecimento. A inadequabilidade da posição social do intelectual, assim, é anunciada como incontornável. As ruínas e o desconcerto seriam sua marca, tornando irrealizável sua inserção e questionável sua atuação após a insuficiência de sua conduta moderna como porta-voz dos desvalidos e em meio aos constrangimentos do período ditatorial brasileiro. É dentro dessa perspectiva que o

25.

⁹⁰ AVELAR. *Alegorias da derrota: a ficção pós-ditatorial e o trabalho de luto na América Latina*, p. 27.

⁹¹ De acordo com Avelar, “o salto não é só temporal, mas também qualitativo, já que por ‘pós-ditadura’ aqui não designamos somente a posterioridade destes textos em relação aos regimes militares (...) mas também e fundamentalmente sua incorporação da derrota em seu sistema de determinações” (AVELAR. *Alegorias da derrota: a ficção pós-ditatorial e o trabalho de luto na América Latina*, p. 27).

⁹² AVELAR. *Alegorias da derrota: a ficção pós-ditatorial e o trabalho de luto na América Latina*, p. 85.

⁹³ AVELAR. *Alegorias da derrota: a ficção pós-ditatorial e o trabalho de luto na América Latina*.

editor ficcional dos diários de Gaspar de Fróis encerra o romance em linguagem arcaica, corroborando com o pacto de leitura criado em toda a obra:

Nunca mais foy visto [Gaspar de Fróis], seja em Viamam, seja no Morro de Santana, seja em Rio Grande, seja nas Ilhas. O Frey Faustino Antonio de Sancto Alberto, junto com o vigário da Villa & dos maiorais da Zona deram busca pelos Mattos & Campos dos arredores, nada conseguindo. Alguem o vio sair da Caza Canonica, tarde da noite, enfiado em seu capote, com a cabeça entre as mãos, como se estivesse chorando.⁹⁴

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho procurou ressaltar, mesmo que de forma incipiente, como o romance *Um quarto de légua em quadro*, de Luiz Antonio de Assis Brasil, representa alegoricamente a crise dos intelectuais no século 20 e especialmente durante a ditadura militar brasileira. Partimos do pressuposto de que há, na obra em questão, uma anacronia fundamental que possibilita essa interpretação, já que Gaspar de Fróis, ainda no século 18, enfrenta questionamentos sobre a função dos intelectuais que só poderiam ser possíveis a partir do século 20. Essa leitura ganhou força, como tentamos demonstrar, quando analisamos o contexto de produção da obra, o regime militar e os anos 1970, marcado por um profundo impasse quanto aos rumos desse grupo social.

De início, nos dedicamos ao estudo entre as similitudes e as diferenças que regem a configuração dos letrados e intelectuais. A distinção dentre esses dois grupos foi fundamental para compreendermos a disjunção temporal que postulamos para *Um quarto de légua em quadro*. Vimos que, como observa Rama,⁹⁵ os letrados seriam caracterizados por uma afinidade ideológica com o poder político pautado pelo privilégio social, o que não os impede de experimentar a melancolia letrada no embate entre vida ativa e contemplativa, como bem nota Amaral.⁹⁶ Por sua vez, afirmamos que os intelectuais, frutos da modernidade, vivenciariam um deslocamento social insuperável à esteira do pensamento de Sartre⁹⁷ e Said,⁹⁸ haja vista que detém um privilégio, pelo conhecimento e pela sua formação, que consideram injustificável. Essa linha de raciocínio os teriam motivado a superar seu despertimento através da atuação em esfera pública e da solidariedade aos movimentos

⁹⁴ ASSIS BRASIL. *Um quarto de légua em quadro* – diário do doutor Gaspar de Fróis, médico, p. 189.

⁹⁵ RAMA. *A cidade das letras*.

⁹⁶ AMARAL. *Cultura letrada e soberania*.

⁹⁷ SARTRE. *Em defesa dos intelectuais*.

⁹⁸ SAID. *Representações do intelectual*: as conferências Reith de 1993.

populares, o que se torna, no entanto, insustentável no século 20, como aponta Sarlo.⁹⁹ Essa crise de posicionamento social foi evidenciada em *Um quarto de légua em quadro* através da personagem Garpar de Fróis. Analisamos sua dissonância tanto com os colonos quanto com a elite militar que comanda os assentamentos açorianos, ressaltando seu isolamento social que se intensifica ao longo do romance.

A interpretação que seguimos, haja vista sua fundamentação em uma anacronia temporal, levou-nos, num segundo momento, a postular a possibilidade de uma leitura alegórica para *Um quarto de légua em quadro*. Nesse sentido, demonstramos como o intelectual brasileiro vê um agravamento de seu dilema durante o período ditatorial brasileiro. Como defendem Avelar¹⁰⁰ e Sússekind,¹⁰¹ constatamos uma hipertrofia de seu campo de atuação não só pela censura que marcou esse período, mas também pelas políticas estabelecidas pelo regime de exceção, que tornavam, cada vez mais, prescindível o pensamento crítico e a opinião dos intelectuais. Retomando o desconcerto de Garpar de Fróis e analisando possíveis referências em *Um quarto de légua em quadro* ao cerceamento de expressão do cenário da composição da obra, destacamos as considerações de Gagnebin¹⁰² sobre o recurso da alegoria, constatando sua referencialidade inerente e as interferências do presente no tratamento do passado, tal como se dá no romance que pesquisamos. Nossa hipótese de trabalho também ganhou força com a contribuição de Avelar¹⁰³ sobre a presença da alegoria no contexto ditatorial da América Latina, reconhecendo a crise como o seu motor, também no que tange as possibilidades de representação da literatura. Terminamos nossa análise com o alinhamento das ponderações sobre a alegoria com *Um quarto de légua em quadro*, defendendo que o despertencimento do intelectual Gaspar de Fróis é apresentado em sua totalidade no final da obra, situação tida como intransponível, manifestando bem o espírito negativista de seu período de elaboração.

Por fim, faz-se necessário ressaltar o caráter inicial desta pesquisa. Novas leituras teóricas sobre assunto serão futuramente feitas ao longo do curso de mestrado, podendo alterar ou confirmar as considerações preliminares apresentadas neste artigo.

⁹⁹ SARLO. Intelectuais.

¹⁰⁰ AVELAR. *Alegorias da derrota: a ficção pós-ditatorial e o trabalho de luto na América Latina*.

¹⁰¹ SÜSSEKIND, Flora. *Literatura e vida literária: problemas, diários & retratos*.

¹⁰² GAGNEBIN. Notas sobre as noções de Origem e Original em Walter Benjamin.

¹⁰³ AVELAR. *Alegorias da derrota: a ficção pós-ditatorial e o trabalho de luto na América Latina*.

ABSTRACT

This paper aims to discuss the representation of the intellectual's crisis as one of the possible interpretations of *Um quarto de légua em quadro*, by Assis Brasil. It's our hypothesis that there is, in the work, a debate about the limitations of this group through the character Gaspar de Fróis.

KEYWORDS

Intellectuals, the seventies, Assis Brasil

REFERÊNCIAS

- AMARAL, Sérgio Alcides Pereira do. Cultura letrada e soberania. In: _____. (Org.). *Desavenças: poder e melancolia na poesia de Sá de Miranda*. 2007. Tese (Doutorado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP, São Paulo, 2007.
- ASSIS BRASIL, Luiz Antônio. *Um quarto de légua em quadro* – diário do doutor Gaspar de Fróis, médico. 6. ed. Porto Alegre: Movimento. 1978.
- AVELAR, Idelber. *Alegorias da derrota: a ficção pós-ditatorial e o trabalho de luto na América Latina*. Trad. Saulo Gouveia. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.
- BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Trad. Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima e Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2007.
- BOBBIO, Norberto. *Os intelectuais e o poder: dúvidas e opções dos homens de cultura na sociedade contemporânea*. Trad. Marco Aurélio Nogueira. São Paulo: Editora Unesp, 1997
- CURY, Maria Zilda Ferreira. Intelectuais em cena. In: CURY, Maria Zilda Ferreira; WALTY, Ivete Lara Camargos (Org.) *Intelectuais e vida pública: migrações e mediações*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2008. p. 11-28.
- DURING, Simon. Introduction. In: DURING, Simon (Ed.) *The cultural studies reader*. 2. ed. London/New York: Routledge, 1999. p. 1-28.
- GAGNEBIN, Jeanne Marie. Notas sobre as noções de Origem e Original em Walter Benjamin. *Revista 34*, Rio de Janeiro, n. 5/6, p. 285-296, set. 1989.
- RAMA, Ángel. *A cidade das letras*. Trad. Emir Sader. São Paulo: Brasiliense: 1985.
- SAID, Edward. *Representações do intelectual: as conferências Reith de 1993*. Trad. Milton Hatoum. São Paulo: Companhia das Letras, 2005
- SARLO, Beatriz. Intelectuais. In: _____. (Org.). *Cenas da vida pós-moderna: intelectuais, arte e videocultura da Argentina*. Trad. Sérgio Alcides. 4. ed. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2006.
- SARTRE, Jean-Paul. *Em defesa dos intelectuais*. Trad. Sérgio Goes de Paula. São Paulo: Ática, 1994.
- SÜSSEKIND, Flora. *Literatura e vida literária: problemas, diários & retratos*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2004.